

Antigamente, o contador de histórias era um tipo necessário para a população que não contava com a televisão e seus recursos. Desempenhava ele um dos papéis mais importantes na educação das crianças: dava-lhes os elementos necessários para a compreensão da realidade, que muitas vezes parecia-lhes adversa, medonha, sombria. Através de suas histórias, seus "causos", fábulas, lendas, etc. o contador apresentava uma visão de mundo, com seus conflitos humanos e sociais, com suas lições de vida, as quais o ouvinte iria recorrer em algum momento de sua vida.

Originalmente, os "contos" eram narrados na Idade Média, durante as noites invernosas nos castelos "mal-assombrados", nas fazendas isoladas, nas aldeias espalhadas pelos campos, com a finalidade de trocar experiências e afastar os temores e Aflições pela corrente de força criada pelo grupo quando reunidos ao redor do "contador". A luz bruxuleante das fogueiras ou das lareiras acesas, projetava sombras fantasmagóricas ao redor do grupo e atiçava-lhes a, já fértil, imaginação. O mundo de então era povoado de monstros, dragões, demônios, magos e feiticeiros, por seres encantados e encantadores. A magia pairava no ar, espalhava-se nas fumaças das fogueiras e chaminés, escondia-se nas sombras, despertava no crepitar do fogo. É nesse ambiente que surge a importante figura do Contador de Histórias.

Além de repetir estórias, o contador também as criava, à medida que observava as reações de seus ouvintes. A educadora Bárbara Freitag, num excelente artigo para o "*Jornal da Alfabetizadora*" intitulado "*O Conto de fadas na sala de aula*" (nº 13. 1991, 17-19) atesta que o narrador "era ao mesmo tempo inventor e repetidor de 'estórias'. E acrescenta: " elas são verdadeiras formações arqueológicas, compostas de camadas e camadas de saber popular, em que dificilmente se distingue o que cada narrador posterior acrescentou, omitiu ou distorceu do conto 'original'." Trocando em miúdos, isso quer dizer que *quem conta um conto aumenta um ponto*.

A narração tem o poder da palavra, do som e suas inflexões, aliada ao gestual simbólico do narrador. A narração não é uma declamação, é uma prosa, e sofre modificações conforme o ambiente, a ocasião, a platéia. Um "contador" conhece e utiliza, mesmo que intuitivamente, quase todas as figuras de linguagem (como metáforas e catacrezes), figuras de sintaxe (ênfase no pleonasma) e figuras de pensamento (principalmente a hipérbole e a prosopopéia). Dessa forma, a narração de uma história, de um conto, lenda ou mito, ganha um enorme poder, podemos até mesmo dizer, hipnótico, capaz de transformar a fantasia em realidade, de evocar emoções, de fazer o ouvinte "viajar" nas asas da imaginação. E a criança acostumada a ouvir histórias desenvolve e estimula a imaginação, além de também desenvolver o gosto pela leitura e pelas pesquisas.

A leitura deve servir para que se possa ampliar os referenciais de mundo, e não para um acúmulo de informações. Para acumular informações existem os computadores. E para abrir caminho à leitura, nada é melhor do que ouvir histórias contadas pelos antigos, pelos avós; os 'causos' sucedidos com os mais velhos, as novelas míticas tão cheias de magia e encantamento. Contar histórias não é só uma arte que guarda as tradições culturais de um povo, é compartilhar informações de caráter social, lições de moral e costumes, além de fornecer subsídios para uma educação informal.

"Essas narrativas são formas muito especiais de interpretar, analisar e superar os dramas fundamentais da existência humana: a experiência do bem e do mal, da justiça e da injustiça, do amor e do ódio; a existência de normas e proibições; as questões em torno do enigma da vida, de nossa origem, de nossa morte" (Freitag, op cit)

Antes do advento da televisão era o rádio quem contava histórias, e reunia ao seu derredor corações e mentes mergulhadas na fantasia. Uma prova disso é a célebre novela radiofonizada por Orson Wells, em 1940. Wells transmitiu a "invasão da Terra por marcianos" como se ele a estivesse assistindo e a transmissão fosse ao vivo. Usava pobres e improvisados recursos de sonoplastia, contudo criativos, e os efeitos sobre os ouvintes foram de um tal realismo que provocou pânico geral na população... e entrou para a história!

Pelo final da década de 50, início de 60, havia um programa numa emissora de rádio do Rio de Janeiro que, se não me falha a memória, chamava-se "Histórias de Trancoso". Antigamente, muita gente se referia as "histórias de Trancoso". Gonçalo Fernandes Trancoso¹ foi o primeiro cronista português (pelos idos do séc. XVI). Naquela época também se falava das " histórias do Arco da Velha" ou "da Carochinha". Havia ainda o hábito, gostoso, de ouvir histórias infantis "do tempo em que os bichos falavam", como dizia a(o) narrador(a). A coqueluche, porém, eram as radionovelas, como a quilométrica "O Direito de Nascer"; e as minhas preferidas: "Gerônimo, o Herói do Sertão", novela de Moisés Weltman (1957-1965); " O Anjo" (1959), personagem criado por Álvaro Aguiar (talvez inspirado no herói norte americano "O Santo"); "Radar, o Homem do Espaço", no estilo Flash Gordon.

Com a chegada da televisão, o rádio perdeu muito de seu encanto, seu feitiço e magia, e ouvir histórias ao pé do rádio deixou de ser o programa da família. O Contador de Histórias, que vivia por detrás das válvulas e alto-falantes, abandonou a desconfortável moradia e mudou-se para a nova mídia: foi ser autor de novelas televisivas. E o brasileiro adquiriu o hábito de comentar as novelas exibidas na TV; contar para um(a) amigo(a) os capítulos perdidos e, principalmente, se deixar envolver pelos personagens e pela trama, ao ponto de confundir o ator ou atriz com a personagem. Isso revela como a fantasia exerce uma força muito grande sobre as pessoas, e que o homem contemporâneo, que convive com a avançada tecnologia, ainda guarda uma porção significativa do homem medieval: basta ver o aumento da crença em patuás, amuletos, videntes, etc.

Hoje as emissoras de rádio já não apresentam mais novelas radiofônicas, o que ao meu ver é uma bobeira de seus diretores, pois público com certeza existe. Outra coisa lamentável nas programações das rádios atuais é a ausência de um segmento dirigido especificamente para o público infantil. Até há poucos anos, aqui em Belém, a Rádio Cultura apresentava um excelente programa para as crianças, denominado "Abracadabra"*, que sumiu como num passe de mágica: Abracadabra!...

Toda criança gosta de ouvir histórias. A fantasia lhes é saudável e necessária como o ato de brincar. Para elas brincar é exercitar a imaginação. Mesmo que a criança tenha acesso a discos e fitas, ou aos livros, a TV, ao vídeo, ao computador, não dispensa a participação de um adulto como narrador "a vivo", aspergindo a magia da oralidade, na hora de dormir.

Como dizia minha avó:

"Entrei pela perna do pato, saí pela perna do pinto, quem quiser que conte cinco..."

Nota:

* Neste ano (2000), a Rádio Cultura FM retornou com sua programação infantil, incluindo o excelente Abracadabra.

1 – Veja-se Histórias de Trancoso. Ed. Cátedra, 1983.
